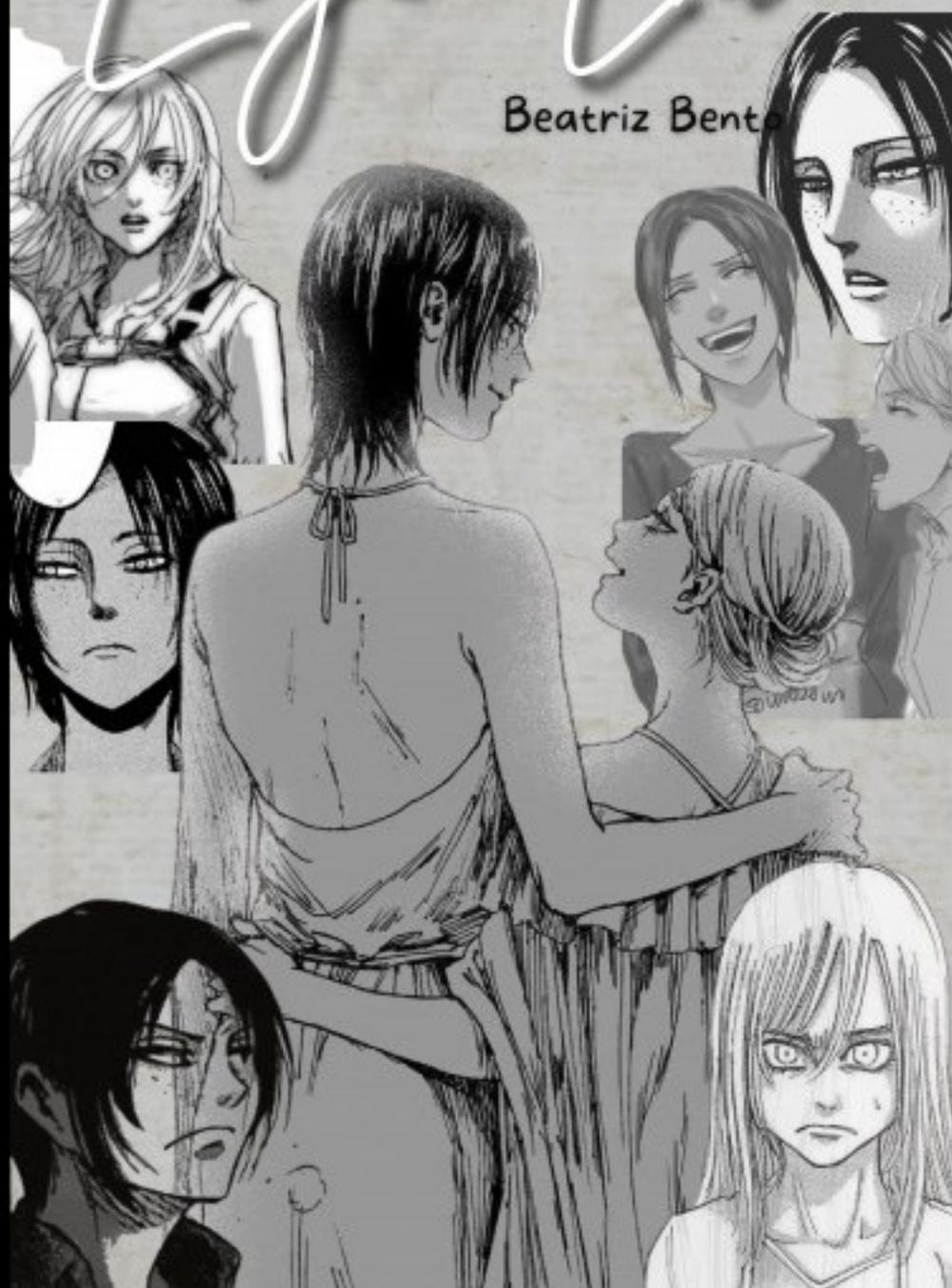


Logo Fu

Beatriz Bento



“Minha querida História,

Logo eu que jurei de pé junto não me apaixonar por ninguém, caí de amores por você. Acho que assim como minha mãe, não aprendi a viver sozinha. E aí veio você, com seus longos cabelos loiros e grandes olhos azuis, arrebatando toda e qualquer promessa sem sentido dentro de mim, assim que meus olhos se encontraram com os seus, eu soube que aquela era a minha sentença.

Te observei de tão longe quanto pude, mas apenas olhar não foi o suficiente. Precisei, precisei como um moribundo precisa viver, conhecer mais de você. E conheci, e você é a pessoa mais apaixonante e incrivelmente esplendorosa possível: com seus sorrisos tímidos, as bochechas rosadas, a ternura em sua voz, o brilho em seus olhos toda vez que sorri. Todas as minhas emoções são como explosões quando você está por perto, e me perder em meio ao seu brilho foi inevitável, fantasiei noites e dias ao seu lado. E aconteceu.

O seu interesse em mim não era fruto apenas da minha imaginação. Todas as noites sonhando acordada não foram em vão, porque você me amava, tanto quanto eu lhe amara.

Acredito fielmente que fomos felizes enquanto durou, com nossas piadas internas, os jantares atrapalhados, e o mais importante: a nossa companhia. Nunca quis que você se sentisse um fardo para mim, nunca deveria ter dito que você era um fardo para mim. Sei que é tarde, mas gostaria que você soubesse que sinto imensamente a sua falta e mesmo assim, julgo que foi o melhor para nós duas.”

Termino de escrever a carta que Ela nem vai ver a cor. Acho que me expressei de mais, mas mesmo assim não foi o suficiente. Dra. Hange, minha terapeuta, disse que seria bom tentar um pouco mais. Sasha talvez fique orgulhosa de mim, faz meses desde a última vez que falei sobre Ela, o que é bom, teoricamente, tirando o fato disso me perseguir incansavelmente durante o sono. Estou cansada. Mental e fisicamente.

Ando me esforçando mais do que deveria para manter meu corpo ocupado: atletismo, vôlei, futebol, natação e qualquer outra coisa que me mantenha ocupada por tempo o suficiente para não pensar nEla. Venho passando os últimos dias, semanas, meses, assim. Já nem lembro mais quanto tempo se foi. Não ligo. Envelopo a carta e a guardo na gaveta, junto com as outras. Há dezenas delas. Sasha acredita que as queimei, mas a única coisa que um dia ardeu, foram os resquícios do meu amor.

Sem que eu perceba, as lágrimas descem incessantemente pelo meu rosto, e dói, como nunca doeu antes.

O celular grita por toda extensão do quarto, fazendo com que eu tenha que abandonar o adorável conforto da minha melancolia. Sem nem precisar conferir de quem é a chamada, atendo:

- Oi, Batata - digo com a voz mais arrastada do que eu esperava.

- EU SABIA! Sabia que você tava mal - Sasha grita como se eu tivesse algum problema com o áudio do celular.

- E quem disse isso? - pergunto, tentando disfarçar a voz embargada.

- Não preciso que ninguém me diga nada, conheço você bem o suficiente pra saber quando precisa de mim - Responde de forma confiante.

- Vem incluso com seus poderes de melhor amiga?

- Você sabe que sim, mas e aí, por que você tava chorando?

- Eu não tava chorando - afirmo, mas novamente minha voz me trai.

- Ah tá. Acho incrível como você ainda tenta esconder coisas de mim, não preciso estar te vendo pra saber como você tá.

- Ok, Ok. TALVEZ eu estivesse sim chorando, mas foi só um pouquinho, juro.

- Eu sei bem do que você precisa - E desliga. Simples assim.

Eu rio e choro simultaneamente, sai algo engraçado e engasgado e fico assim por sabe-se lá quanto tempo, até que já não tenho mais fôlego e água no meu corpo e preciso me levantar.

Tropeço algumas vezes no escuro, até chegar à cozinha, iluminada pelo fraco brilho do relógio que exibe as horas: são 23h47. Abro a geladeira e pego a primeira garrafa que eu vejo, seco completamente a garrafa e a coloco na pia. O caminho de volta é mais fácil, agora que meus olhos se acostumaram à escuridão da casa. Mando mais algumas mensagens pra Sasha, essas que não chegam ao seu destino, acredito que o celular dela tenha desligado de vez; coloco o celular de volta à escrivaninha e deixo que meu corpo caia de vez sobre a cama.

A música familiar da campainha me faz levantar grogue e assustada, acabei cochilando. Tateando no escuro, acho meu celular e verifico as horas: são 0h17. A caixa de notificações exibe pelo menos umas 15 ligações perdidas de Sasha. Não é possível.

Corro até a porta da frente, derrubando alguma coisa pelo caminho e batendo o dedinho em cada quina disponível. Ao abrir a porta, a fria brisa noturna me beija como uma amante de longa data, e lá está ela, toda sorrisos com seu habitual rabo de cavalo e um grande saco de batatas fritas.

- YMIR!!! - Sasha exclama ao me ver. - Achei que você nunca abriria essa porta.

- Oi - Respondo surpresa, não posso evitar de sorrir também - Eu cochilei.

- Perceptível, agora me dá licença, aqui fora tá congelando.

Dou espaço para que ela entre e assim que a porta se fecha, ela me abraça forte, muito forte mesmo.

- Desculpa a demora, o “Méqui” perto de casa tava fechado.

Não tenho reação alguma. Essa garota é inacreditável. Eu a amo.

Passa-se algum tempo até que eu me lembre de retribuir o abraço.

- Obrigada, obrigada, obrigada, de verdade - Sussurro apertada em seus braços.

- Vem, vamos maratonar alguma coisa, comer batatas e esquecer que a vida lá fora existe.

Ela me solta de seu aperto e me puxa em direção ao meu quarto.

Coloco o notebook entre nós duas e posiciono as tigelas de forma que facilite o acesso de ambas.

Passamos o restante da madrugada assistindo uma série sobre gigantes comedores de gente e um garoto que deseja a liberdade. Percebemos o que há de errado quando a luz do sol começa a entrar no quarto. Era domingo quando ela ligou. Segunda quando veio me salvar. E segunda é dia de aula. E temos aula pela manhã. Merda, merda, merda.

Cutuco o ombro de Sasha e aponto para o relógio do computador.

- Cacete - resmungo Sasha.

Sem fazer cerimônia, me levanto da cama com o objetivo de me arrumar, mesmo que tardiamente.

Afinal, o que é mais um atraso?

São 7h15, e encaramos a alma do coordenador Erwin, que suspira pesadamente diante do nosso pequeno atraso.

- Essa é a última vez, entendido?

- Obrigada, Sr. Smith - digo com certo alívio em minha voz.

- Valeu, Loiraço - Sasha dá um tapa no braço dele.

E seguimos nosso caminho em direção a sala de aula.

Eu estou morta.

Ela voltou, e cortou o cabelo. Maldita, ficou lindo.

História esteve em sua terra natal nos últimos meses, e agora voltou. E está acompanhada. Maldita Ackerman. Elas entram no carro. Juntas. As duas.

Tudo bem, não ligo mesmo, então por que sinto todo o meu corpo sendo dilacerado de dentro para fora e minhas pernas fraquejarem? De todo modo, e em hipótese alguma deixarei que ela me veja desmoronando, não ali, não agora, nem nunca.

Por mais que tudo em mim grite por ela, não fraquejo, nem hesito em seguir meu caminho. Se eu tenho coisas a dizer? Quem não tem? Mas existem coisas que foram feitas para ficarem guardadas, e meus sentimentos fazem parte dessa lista.

Sasha me espera no portão lateral, acompanhada por Conny e Jean, os três conversam animadamente sobre alguma besteira do dia, não escuto, o mundo é uma grande bola silenciosa agora, e tudo o que há nele sou eu, Mikasa e História. HistóriaMikasaEu.

MikasaHistóriaEu.

Um forte peteleco em minha têmpera me tira de meu transe, os meninos sumiram, o Sol se põe ao longe, minha casa me convida a entrar. Batata me dá outro peteleco, e esse dói mais.

- Vamos, Ymir, você ficou presa no seu mundo durante todo o caminho. Viu ela, não foi?

Não tenho palavras, nada, nem um único grunhido.

Silêncio é a minha resposta. Sinto o suor se acumulando em minhas mãos, o tremor incontrollável se expandindo por toda a minha extensão e a ameaça contínua das lágrimas se formando. Em silêncio, ela me conforta em seus braços e permite que as Cataratas acumuladas em meus olhos desaguem.

Me levanto grogue e desnorreada, está escuro e uso apenas minhas roupas de baixo. O ar-condicionado estrala e permito-me sentir o calor do meu corpo, ou a falta dele. A seca presente em minha garganta, me mata lentamente. Usando as paredes como apoio, alcanço a geladeira e bebo o máximo que consigo.

Ergo a cabeça com a intenção de olhar as horas, mas os números são uma bagunça brilhosa. Me arrasto de volta pra cama e o mundo escurece mais uma vez.

O “bipe” incessante incomoda meus ouvidos, e pouco a pouco o mundo vai ganhando cor conforme meus olhos se abrem. O quarto branco ganha extensão na medida que me adapto a claridade, e com uma rápida olhada sei que estou no hospital, mais uma vez. Sem ter forças, ou vontade, para me mexer apenas deixo que meu corpo se perca em meio ao conforto dos lençóis brancos. Não adormeço novamente, sinto meu corpo descansado o suficiente e simplesmente observo o tempo passar, ouvindo somente o bipe de meu coração.

A primeira pessoa que vejo entrar é minha mãe, que estampa em seu semblante o alívio por me ver acordada.

- Você esteve dormindo pelos últimos três dias - começa - Tentei te acordar para o jantar, mas você nem mesmo se mexeu, então eu te trouxe pra cá, com a ajuda do Jacob.

A ideia de ter alguém me carregando desacordada é um tanto quanto desconfortável, mas devo me lembrar de agradecer ao novo namorado de mamãe em breve.

- Tive medo que tivesse tentado alguma coisa, sabe? Depois daquela menina, o mundo pareceu perder a cor pra você, muitas vezes sinto que tenho uma desconhecida morando comigo, e foi difícil pra caramba ver a minha menina se perdendo desse jeito. Então quando eu te vi jogada daquela forma, eu temi te perder pra sempre.

Quando as lágrimas dela começam a jorrar, as minhas acompanham, e mesmo com a voz embargada, ela continua.

- O alívio veio imediatamente depois de falarem que você só tava cansada, exausta, eu imagino. Física e mentalmente.

Ela avança em minha direção, me abraça e me enche de beijos e sussurros carinhosos.

- Por favor, não carregue o seu fardo sozinha, me deixe te ajudar e eu juro que puxo você da maré. - Minha mãe sussurra em meus cabelos. E logo depois, um terceiro corpo se junta a nós.

Depois de muito, muito tempo me sinto completa outra vez, e talvez tudo o que eu precise para viver o resto da minha vida, seja ser abraçada pelas mulheres que tanto amo e nunca me deixaram:

Minha mãe e Sasha. Talvez eu não precise me afogar
no meu oceano, talvez eu não precise do lago raso
Dela, talvez eu apenas precise aprender a boiar e
seguir a maré.

Fanfic produzida por ANA BEATRIZ S. BENTO, para o componente Eletiva "Fic Con: feira de histórias autorais do CBM", coordenada pela professora Lívia Maria Malini Zocateli, na EEEM Clóvis Borges Miguel. Serra, 2024.